
11. TRANSIÇÃO CAPILAR COMO MOVIMENTO ESTÉTICO E POLÍTICO

Lídia Matos¹

Introdução:

Nos últimos anos o Brasil tem vivido um momento de efervescência política, ao contrário do que muitos críticos esperavam a participação política tem crescido auxiliado pela popularização da internet e surgimento das redes sociais, a partir do Facebook e Twitter muitas pessoas entraram em contato com ideais, pautas e reivindicações resultando em ruas ocupadas por grandes manifestações coordenadas por figuras desconhecidas.

Esse cenário político que tem como característica a pulverização de causas e reivindicações que propiciou o fortalecimento de um movimento que surge com a intenção de chamar a atenção para uma questão estética mas que vai tomando um caráter político quando são inseridas discussões como racismo e preconceito, me refiro a Transição capilar que tenho analisado dentro da dissertação em desenvolvimento no Mestrado em Antropologia do Programa de Pós-graduação em Antropologia.

A “Transição Capilar” é caracterizada pela passagem dos cabelos quimicamente tratados para a textura natural, principalmente os cabelos cacheados e crespos. Tendo o seu surgimento nos Estados Unidos, logo ganhou muitas adeptas no Brasil, sendo impulsionado pelas redes sociais. Tal movimento tem como referências, jovens que passaram por essa experiência de modificação, que transforma, aos poucos, as suas imagens e que influencia diretamente em suas autoestimas.

Nas mídias sociais como Youtube, Facebook, Blogs e Sites, elas compartilham suas experiências e técnicas de como suavizar as fortes diferenças entre as texturas capilares. Nessas mídias, são formadas redes de solidariedade e apoio mútuo, onde as jovens que ainda passam pelo processo são apoiadas e encorajadas a não desistirem, além disso, receitas, produtos e técnicas são trocados.

¹ Mestranda em Antropologia / UFS. E-mail: likamatos4@hotmail.com.

Também grandes canais de televisão tem aberto espaço em suas tradicionais programações para que as blogueiras, participantes de coletivos de mulheres negras a exemplo do Meninas Black Power compartilhem dicas e seus entendimentos sobre esse cabelo. Além da atenção dada pela indústria cosmética que tem produzido uma gama de novos produtos voltados para esse público.

O interesse em analisar a Transição capilar surge com a experiência que tive com o meu cabelo, no ano de 2013 fiquei impossibilitada de fazer relaxamento, técnica que usa produtos químicos que alteram a estrutura do cabelo do crespo/cacheado para um aspecto liso, tendo que aprender a lidar com esse cabelo que eu não conhecia, já que desde a infância o meu cabelo sempre esteve quimicamente tratado, como muitas outras meninas comecei a buscar na internet técnicas e produtos para cuidar do cabelo.

Esse momento da minha trajetória me insere em grupos de crespas e cacheadas no Facebook e Youtube, levando-me a perceber através dos comentários nas páginas que a relação com os cabelos levam as jovens a se reconhecerem de forma diferente, a consumirem novos produtos e conhecimento, formarem novos laços e passarem a ter questionamentos e preocupações que anteriormente não eram tão evidentes em seus cotidianos.

Para além das informações e relações estabelecidas na internet, temos que salientar o mercado de produtos para os cabelos que se fortaleceu em torno do sucesso que o movimento alcançou no mundo virtual. Marcas como “Lola Cosméticos” se especializaram cada vez mais para atender os anseios e necessidades deste público, a exemplo da linha “Creoula”, entre outros produtos. Outra empresa muito conhecida no Brasil, a “Embelleze”, também lançou uma linha de produtos para os cabelos cacheados, a “Novex Meus Cachos: porque cada cacho é único”, em que as garotas propagandas são conhecidas blogueiras que usam as redes sociais para falarem dos seus cabelos.

Uma questão que tenho tentado compreender é uso de variados termos para definir esse cabelo, os termos nativos comum são “cabelo natural”, “cabelo crespo”, “cabelo cacheado”, “cabelo afro”.

O primeiro refere-se a um suposto estado de natureza, por ser o cabelo que nasce sem utilização de química de transformação da estrutura do fio, mas esse cabelo é cuidado com vários tipos de cremes e produtos, industrializados ou não, formas de testurizá-los que de alguma forma modifica a sua aparência, mesmo que os efeitos obtidos não durem tanto tempo como no caso do uso das químicas de transformação.

O segundo e terceiro termos estão relacionados à aparência do cabelo, ondulado, espiralado ou encrespado, mas esses termos também denotam uma disputa, onde os cabelos crespos seriam os mais próximos dos africanos, então quem os possui teriam mais legitimidade ao se assumirem como negros, já que as possuidoras do cabelo cacheado não seriam alvo de tanto preconceito por conta desse formato está mais próximo do cabelo que é considerado como “bom”. Já o termo “cabelo afro” é mais englobante, reunindo os vários tipos de cabelos que as pessoas que tem herança negra em sua carga genética podem possuir.

Há uma profusão de questões que compõe esse assunto, neste artigo buscarei apontar como o momento de transição capilar e uso do “cabelo natural” tem reunido mulheres negras, que são o foco nessa pesquisa, em encontros de cabelos crespos e cacheados, em grupos no Facebook, entre outras formas de organização, usando a questão estética para discutir as relações étnico-raciais em Sergipe e no Brasil. Assim sendo, iniciarei mostrando como tem se organizado esse movimento em Sergipe, em seguida discutirei a relação entre a estética negra e ação política, por último apontarei algumas reflexões iniciais, já que as análises ainda estão em desenvolvimento.

1. Empoderamento da mulher negra: compartilhamento de informações e mudanças nas práticas

Ainda perdura, dentro da nossa sociedade, uma qualificação dos cabelos taxando-os como “bom” ou “ruim”, como aponta a pesquisa feita por Quintão (2013). O referido estudo explora aquilo que foi construído socialmente ao longo das décadas: que o cabelo “bom” é aquele que se aproxima da textura dos cabelos das pessoas brancas, que na sua maioria são lisos, e o cabelo “ruim” são os que possuem características do cabelo das negras com textura crespa e encaracolada.

Para fugir do rotulo de possuidoras de um cabelo “ruim”, “indomável”, “feio”, muitas mulheres e homens recorrem ao uso de químicas de transformação buscando um resultado o mais liso possível usando produtos com variadas formulações ou para obtenção de um efeito “natural” com menos volume e com espirais bem comportados. Adequando-se a um padrão de beleza que também é reproduzido pela indústria cosmética e salões de beleza especializados que oferecem uma infinidade de produtos e técnicas para obtenção desses efeitos.

Os estudos sobre cabelos afro, recentemente produzidos no Brasil, buscam relacioná-los com a afirmação de uma identidade negra, percebendo os afastamentos e

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

aproximações com esta a partir das modificações que submetem os cabelos, como alisamentos, relaxamentos, permanentes. Além disso, buscam perceber como os meios de comunicação representam positiva ou negativamente os cabelos com textura afro,

apontando para as redes sociais como forma de contrapor as visões sobre cabelo produzido pelas mídias convencionais (NUNES; OLIVEIRA, 2014).

A pedagoga e antropóloga Nilma Lino Gomes também atual ministra das Mulheres, da Igualdade Racial, e dos direitos Humanos do Brasil do governo da Presidenta Dilma Rousseff, produziu algumas análises enfocando a relação do preconceito racial e práticas de manipulação dos cabelos, desenvolveu uma de suas pesquisas em salões étnicos onde entrevistou donos e usuários destes tanto mulheres quanto homens, apresentado no artigo *“Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”* (2012), as reflexões sobre este cabelo o relacionaria com o sistema de classificação racial brasileiro, a autora percebe que este é estigmatizado, mas ao mesmo tempo é utilizado como símbolo de orgulho daqueles que afirmam ser negros, sendo os salões de beleza afro um importante espaço que proporciona cruzamento de projetos individuais e sociais.

O estudo da antropóloga Robin Sheriff (2001) revela uma relação entre os traços fenotípicos os deslocamentos e acionamento de categorias de classificação racial a sua pesquisa etnográfica em um morro carioca buscou perceber como as pessoas acionam as categorias de classificação racial no seu cotidiano, se afastando dos esforços puramente taxonômicos que nortearam os primeiros estudos sobre raça no Brasil, o trecho abaixo mostra claramente como se dá essa relação:

Enquanto Rosa e eu conversávamos, uma amiga dela entrou e começou a fazer café no fogão a uma boa distancia de nós. A amiga de Rosa é uma mulher na casa dos 20 anos, de pele muito clara, o que teria chamado de ‘puxada para branca’. Estava com um lenço na cabeça, cobrindo o cabelo. Rosa continuou: ‘como ela, como a cor dela. Mas o cabelo... mostra seu cabelo, o cabelo é duro’. A amiga de rosa tirou o lenço da cabeça e me mostrou seu cabelo, depois colocou-o de volta. Perguntei: ‘então, uma pessoa clara com cabelo duro é...’ ‘É negra”, disse Rosa terminando minha frase. Falando com a amiga, Rosa perguntou: ‘Não é? Você é branca?’ ‘Não’, respondeu a amiga (pg. 229).

A situação relatada nesse extrato mostra como o aspecto do cabelo influencia na forma como a pessoa é classificada, não sendo apenas a cor da pele que o define, vivi situações semelhantes, até começar a usar o meu cabelo afro nunca havia sido chamada ou identificada como negra sempre foi morena clara e outros termos que visam suavizar o impacto que a palavra negro provoca, como Sheriff também percebe no seu estudo, em diferentes situações, relações e contextos os termos utilizados para classificar as pessoas são alterados.

Empoderamento tem sido um termo bastante utilizado pelos movimentos sociais atualmente, denotando a necessidade de habilitar sujeitos com conhecimentos que os

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Isbn:

permitam modificar as suas práticas e a realidade social vivida, assim o espaço escolar é fundamental e tem sido o alvo de projetos socioeducativos que tem como foco a aceitação de uma estética negra, o uso do “cabelo natural” e a quebra dos padrões de beleza impostos que os cabelos sejam lisos como o das mulheres brancas.

Dentro do ambiente escolar são muitas as pressões para que as meninas se adequem a aquilo que é considerado bonito e quando elas decidem passar pelo processo de transição sofrem com o preconceito e com as críticas, já que elas têm que lidar com o cabelo com duas texturas, a raiz crespa/cacheada e as pontas lisas.

O projeto Todo cabelo é bom² e o Por mais turbantes nas ruas³ tem desenvolvido ações em escolas públicas e privadas em Aracaju e cidades do interior sergipano mostrado que criticar e humilhar colegas por conta do seu cabelo crespo e cacheado é uma das formas que o racismo se expressa, o primeiro projeto é desenvolvido pela União de Negros pela Igualdade em Sergipe, e o segundo por iniciativa de duas amigas que a partir do gosto por amarrações e turbante viram a possibilidade de ministrar oficinas de turbantes como um instrumento para valoriza esses adereços de origem africana, além de abrir a possibilidade de discutir com os alunos sobre racismo e preconceito.

Na era da comunicação a informação disponível em plataformas digitais conseguem alcançar um maior número de pessoas e comunicam diferentes formas de ver e refletir sobre o mundo, os blogs tem um papel fundamental na disseminação de conhecimentos, no contexto Sergipano destaco dois blogs importantes que tem como foco questões em torno do cabelo crespo/cacheado, beleza e moda negra, além de aceitação e construção da identidade são eles o Preta Pretinha (<http://www.pretapretinhablog.com/>) e o Preta Mesmo (<http://www.pretamesmo.com/>).

O Youtube tem um papel importante na comunicação de sentidos, técnicas e produtos para cuidar do cabelo crespo/cacheado, destaco aqui os canais de duas sergipanas que tem produzido conteúdo sobre a beleza e aceitação dos cabelos afro, o canal casa de paetê da Marcia Pacheco⁴ e o da Lili Rocha⁵.

² Conheça mais acessando: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.859337520809845.1073741837.685352394875026&type=3>

³ <https://www.facebook.com/pormaisturbantesnasruas/?ref=ts&fref=ts>

⁴ <https://www.youtube.com/user/casadepaete1>

⁵ <https://www.youtube.com/user/casadepaete1>

São nessa e outras fontes que as mulheres negras vão buscar informações de como cuidar dos seus cabelos e acabam entrando em contato com diversos conteúdos e pessoas que surgem como referências mostrando que muitas mulheres passam pela mesma situação de preconceito e discriminação, onde os seus cabelos são alvo de chacota, e através das redes sócias formam grupos de apoio mutuo, como a página no Facebook Cabelos crespos e cacheados Aracaju⁶.

Vale destacar que os grupos e fóruns organizados na internet, nos últimos anos, também começaram a promover encontros, esses denominados “Encrespa Geral” e “Encontros de crespos e cacheadas”, tendo o objetivo aproximar as meninas que estão em transição e aquelas que já passaram por esse processo e hoje usam seus cabelos com sua textura natural. Esses encontros ocorreram em várias capitais brasileiras e no exterior sendo organizados por blogueiras e vlogueiras que se empenham em trazer visibilidade a esse estilo de vida, utilizam-se das ferramentas disponíveis no meio virtual para unir as interessadas que reúnem-se em clima de celebração e fortalecimento umas das outras (<http://www.encrespageral.com>). Outros eventos também são realizados envolvendo pessoas diretamente ligadas a esse movimento, a exemplo de “feiras de afroempreendedores”, “cineblack”, “encontro de blogueiras”.

Em Aracaju alguns eventos foram organizados para discutirem sobre aceitação dos cabelos afro como o I Encontro de crespos e cacheadas de Aracaju, realizado no dia 11 de outubro de 2014 e também do CineBlack que foi realizado no dia 01 de novembro do mesmo ano, o primeiro teve como ponto de encontro o Parque dos Cajueiros em Aracaju e o segundo na Associação Abaô de Arte, Educação e Cultura Negra, os eventos foram realizados em Aracaju pelo Grupo de Cabelos Cacheados e Crespos Aracaju. Toda mobilização para atrair participantes para estes eventos foi realizada através da citada rede social.

2. Ativismo de cabelo e construção indenitária: apontamentos iniciais

A transição capilar marca um ponto de virada na vida de muitas mulheres que passa por ela, padrões de beleza são desconstruídos provocando crises em suas autoimagens, muitas passam por situações de preconceito e racismo que por vezes ocorre no círculo mais estreito de convivência como: família, amigos, escola, trabalho, essa situação as desperta para questões que até então não faziam parte das suas vidas.

⁶ <https://www.facebook.com/groups/cabeloscacheadoscresposaracaju/?fref=ts>

O uso do cabelo crespo/cacheado chama a atenção positiva e negativamente também é recorrente que outras mulheres se aproximem para tirar dúvidas, pedir dicas ou até questionarem o uso, isso nos mais diversos espaços, essa curiosidade despertada pela presença de uma crespa/cacheada pode ser usada para conversar com essa mulheres sobre aceitação da estética africana, preconceito racial, feminismo negro, essa é uma das estratégias do ativismo de cabelo.

Entre em contato com o termo ativismo de cabelo⁷ através dos blogs e redes sociais de blogueiras negras, este é um termo nativo que denota uma pratica política usando esse referencial estético, como já apontamos o cabelo crespo/cacheado tem servido como ponto de partida para se discutir e chamar atenção para como as relações étnico raciais se dão no brasil.

Uma parte do corpo, nesse caso o cabelo, é usado para demonstrar não apenas um gosto pessoal, mas também filiação a uma causa, no âmbito mais geral seria a quebra da padrões de beleza imposto, e mais especificamente a situação de preconceito vivida pelos negro. Não podemos fazer uma associação direta afirmando que todos que usam os seus cabelos crespos/cacheados estão fazendo isso como uma forma de militância. Muitas vlogueiras e blogueiras afirmam que usam os seus cabelos apenas por aceitá-los como eles são, sem que isso implique uma relação direta com uma luta política pelo direito dos negros.

As características desse movimento, a sua forma de organização e atuação política, podem ser compreendido através dos estudos sobre redes de movimentos sociais (Warren-Scherer, 2006), onde estes se integram em rede numa era de globalização, este modo de organização extrapola fronteiras isso auxiliado pelo uso da internet, redes sociais, e-mail, entre outras ferramentas. As ações desenvolvidas não se restringem ao mundo virtual, elas ocupam as praças e ruas em manifestações que visibilizam as suas causas quebrando também as barreiras entre o virtual e o real.

Na internet que muitas pessoas entram em contato com diversas causas e também compartilham seus posicionamentos, podendo muitas vezes se tornarem o organizador ou

⁷ O extrato a seguir exemplifica algumas ideias que circulam nos blogs acerca do Ativismo se Cabelo:

“O chamado ativismo de cabelo prega que as mulheres negras não tenham que alisar e maltratar seu cabelo para se encaixar em um determinado padrão de beleza, que é ilusório e cresce em cima da baixa autoestima das mulheres reais, ditando como elas devem ser e o que é ou não bonito.

No ativismo de cabelo, percebe-se o cabelo crespo ou cacheado, não como um animal raivoso a ser domado, mas como ancestralidade e característica própria da mulher negra, que deve ser conservada e respeitada quebrando o modelo de “beleza” imposta pela sociedade e mídia que adoram um racismo estrutural.” Leia a matéria completa em: Ativismo de Cabelo - Geledés <http://www.geledes.org.br/ativismo-de-cabelo/#ixzz45R2vf1al> (acessado em 05/04/16)

líder de alguma ação, já que não há uma clara hierarquia e os centros de poder são deslocados, permitindo o surgimento de movimentos sem líderes nos moldes da militância mais tradicionais.

Esse contexto social de globalização e multiculturalismo propicia novos tipos de ativismo com reivindicações cada vez mais transversais, tendo o protagonismo da sociedade civil como um dos grandes ganhos e isto acontece através do empoderamento desses sujeitos para que se tornem atores do seu tempo buscando superar contextos de exclusão. O contato com esses diversos conteúdos propicia a reconfiguração das identidades.

O uso do cabelo como símbolo indenitário já é uma conhecida estratégia utilizada pelo movimento negro, no artigo “*Usos e imagens sobre o Cabelo crespo das mulheres negras*” (2012) a autora Luane Bento dos Santos expõe que as mobilizações promovidas pelos negros americanos nos anos 60 na luta por direitos, tinham como fortes marcas os discurso, as marchas e também o uso cabelo “*Black Power*”, salienta que “*o cabelo crespo do negro foi um dos ‘significantes’ dessa trajetória de elaboração indenitária*” (SANTOS, 2012, pg.6).

A identidade étnica organiza um coletivo de pessoas em torno de aspectos comuns tendo por objetivo uma forma de estar no mundo, desenvolvendo projetos e ações políticas, poderia ser confundida com outros tipos de identidades coletivas como a sindical por exemplo, mas um ponto que a distingue das demais é a suposição de uma origem comum a partir um lugar que une os indivíduos que compartilham do mesmo conteúdo culturas.

O contato entre as culturas é uma questão que está sempre colocada, uma forma de olhar os grupos étnicos que provocou uma revolução na forma como estes viam sendo estudados foi o trabalho de Frederik Barth (1998), diferentemente das questões que eram postas onde se buscava perceber os fatores de contraste dos grupos que terminavam por isolá-los, Barth observa as fronteiras, é neste lugar que as características culturais se afirmam em um processo de identificação contextual, o fenômeno étnico não é visto mais isolado, mas dentro das relações.

Os sinais ou signos diacríticos demarcam as diferenças, garantem a distinção entre os grupos, são acionados em face do contato, orientando as atitudes dos indivíduos a partir do seu conteúdo étnico, esses códigos orientam as diversas relações, mas essas não são estanques, vão se alterando com o passar do tempo, a penetração de estrangeiros dentro do grupo e a interdependência entre os grupos vizinhos não é vista como um fator que pode levar ao desaparecimento de algum deles, mas propicia sua perpetuação.

Dentro das relações se busca quais os traços diacríticos que serão acionados, pois estes necessitam ser comparáveis dentro da sociedade mais ampla, portanto, a escolha deles não é arbitrária. Assim sendo percebemos então que a construção indenitária ocorre dentro de certos contextos mediados pelo contexto histórico, social e cultural.

O cabelo crespo/cacheado tem funcionado como um sinal diacrítico marcando diferença entre grupos da nossa sociedade, os mesmo tempo que informa uma forma de perceber o contexto que é diferenciada, estando mais atento a situação do negro. Mas esse sinal está em um processo de disputa, onde muitas ativistas afirmam que o cabelo cacheado esta contido no cabelo crespo e não assumir o cabelo como sendo crespo seria uma forma de negar a negritude, assim o processo de construção da identidade ocorre dentro desses conflitos.

Dentro do contexto da globalização as Identidades vão se tornando híbridas isto ocorre através do processo de “tradução” (Hall, 2014, pg. 52), as diferentes culturais são postas em questão, onde o indivíduo a partir do seu conteúdo indenitário mais enraizado vai dando sentido ao mundo cultural que o rodeia, as culturas híbridas são "o produto de várias histórias e culturas interconectadas” (Hall, 2014, pg. 52). Muitas vezes esses contextos de contatos com diferentes grupos culturais propiciam o acirramento de posições em torno de suas identidades étnicas. Onde as identidades assumem um caráter posicional dentro da estrutura, sendo sempre posta em negociação.

A globalização favorece o descentramento das identidades já sua principal característica é ligar as diversas regiões do globo independente das fronteiras regionais, mas no fim do século XX o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, dos sistemas de transporte, favorecem a compressão das distancias e do tempo, Hall mostra que uma das características da globalização é com “ ‘compressão do espaço-tempo’- a aceleração dos processos globais , de forma que se sente que o mundo é menor e as distancias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar tem um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.” (pg.40)

Esse mundo interligado altera a forma como os indivíduos o percebem, pois o fluxo entre as diferentes fronteiras estão facilitados e a mobilidade cresceu, levando as pessoas a estarem em contato com diferentes culturas e a partir daí desenvolverem forma de

convivência com estas que alterando suas identidades. Sobre efeito da globalização auxiliado pelas migrações e a comunicação de massa sobre as identidades Hall (2014) demonstra:

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem si, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificações, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (pg. 51).

Arjun Appadurai (2004) vai mostrar a partir das “etnopaisagens globais” que as identidades estariam perpassadas por uma tensão entre o global e o local, onde os indivíduos estão distantes do seu lugar, este diferente do espaço, se relaciona com um espaço físico, mas este construído por significados que se vinculam a identidade dos indivíduos. Ao mesmo tempo que o indivíduo está ligado a um lugar que forma a sua identidade, as migrações e os meios de comunicação de massa os colocam em contato com outras possibilidades de vida, provocando assim tensionamentos, e são estes que se impõe como desafios a serem apreendidos articular as “vidas imaginadas” e os “mundos desterritorializados”.

Ao invés da Identidade que conseguiam representar a todos os indivíduos de uma nação, surgem novas identidades favorecidas pelo panorama da globalização, que permitem, através de ferramentas como a Internet, o encurtamento das distâncias globais, aproximando pessoas por interesses compartilhados, mesmo que elas estejam a quilômetros de distância e um movimento que se inicia nos Estados Unidos chega ao Brasil e ganha força, apesar dos contextos possuírem postos que os distinguem.

Por este contexto acima apresentado, percebemos que o movimento de transição capilar propicia a formação de redes de solidariedade, um descentramento da identidade anterior pondo o sujeito em contato com outras identificações e discursos se construindo a partir da apreensão desses conteúdos.

Conclusão:

O cabelo sempre foi uma das partes do corpo que recebeu grande atenção por parte dos seus possuidores. É responsável pela composição do visual de cada indivíduo, realçando, reforçando ou minimizando os traços fenotípicos. Demos ênfase ao fenômeno que tem propiciado o confronto entre um padrão estético/capilar vigente, que valoriza os cabelos lisos, e os movimentos que lutam pela aceitação e valorização dos cabelos de textura afro.

A Internet passa a ser um espaço de produção de conhecimento, exposição de diferentes formas de ver o mundo, compartilhamento de conteúdo, nos últimos anos acompanhamos um movimento no mundo virtual que envolve blogueiras e vlogueira, mulheres negras, em defesa do uso do cabelo na sua textura natural, principalmente os cabelos crespos e cacheados. Tal fenômeno está inserido em um discurso de aceitação e valorização da estética africana.

No contexto da globalização as reivindicações se fortalecem através de movimentos sociais em redes que altera a forma como estes são entendidos, propiciando o surgimento de formas de organização política como o ativismo de cabelo, que busca empoderar os sujeitos ao mesmo tempo que antigas referências indenitárias vão se esfacelando promovendo a reconstrução dessa sobre novas percepções.

Referências:

APPADURAI, Arjun. **Etnopaisagens Globais: notas e perguntas para uma antropologia transnacional**. In: Dimensões culturais da globalização. Lisboa. Teorema, 2004.

BARTH, Fredrik: **Grupos étnicos e suas fronteiras** in: POUTIGNAT, Philippe; FERNART, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 187-227.

COSTA, Iraneide Santos. **Por que o cabelo (não) é ruim. II Congresso internacional de línguas, literaturas e culturas africanas e afroamericanas**. Xique-Xique. Bahia. 2011

CUNHA, Manuela Carneiro da. **“Etnicidade: da Cultura residual mas irreduzível”**. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify. 2009.

FIQUEIREDO, Ângela. **Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros**. XXVI Reunião da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais. Caxambu. Minas Gerais. 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Revista Relações Raciais (1º edição). Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1567> , consultado 28/01/2016.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Isbn:

NUNES, Rita de Cássia e OLIVEIRA, Tatalina Cristina. **A beleza negra nos meios de comunicação: Representações do corpo e construções de identidades étnico-raciais**. 10º Colóquio de Moda – 7a Edição Internacional -1o Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, Caxias do Sul.

PAULA, Rogéria Costa de. **Corpo Negro- Miatização de Raça**. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, Campinas. São Paulo 2012. POUTIGNAT, Philippe e QUINTÃO, Adrianna M. P. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance indenitária**. 2013. 196 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

SANTANA, Bianca. **Mulher, cabelo e mídia**. Revista Comunicare. Volume 14 – Edição 1 – 1º Semestre de 2014.

SANTOS, Luane Bentos dos. **Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras**. Congresso Internacional em sócias e humanidades. Niterói, RJ: Aninter-SH/PPGSD-UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316-266X.

SHERIFF, Robin E. **Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca**. In: REZENDE, Cláudia Barcellos e Maggie. Yvone (org.). Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001.

SIMÕES, José Alberto. **Investigando a rua através da internet (e virse-versa): considerações teórico metodológicas sobre um itinerário etnográfico**. Analise Social, 205, XLVII, Lisboa/Portugal, 2012.

SHWARCZ, Lilia. **“Questão Racial e etnicidade”**. In: **O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)**. Antropologia (Volume II). São Paulo: Ed. Sumaré: ANPOCS; Brasília: Capes, 1999.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características**. Revista Íterim. Curitiba/PR. Vol. 9, n.1, jan./jun. 2010.

WARREN-SCHERER, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

Sites consultados

Blog Cacheia < <http://cacheia.com/>> Acesso 05/01/16

Blog Meninas Black Power < <http://meninasblackpower.blogspot.com.br/> > Acesso 28/01/16

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Isbn:

Blog Rayza Nicácio < <http://www.rayzanicacio.com/>> Acesso 30/01/16

Cabelos Cacheados e Crespos Aracaju

< <https://www.facebook.com/groups/cabeloscacheadosecresposaracaju/?fref=ts>>

Acesso 01/02/16

Cabelo e Identidade < <http://www.encrespageral.com/#!Cabelo-e-Identidade/cmbz/064334B978F1-4594-A574-7E20F99C44EE>> Acesso 14/01/16

Elas abandonaram o alisamento de cabelos < <http://www.geledes.org.br/elas-abandonaram-oalisamento-de-cabelos/#axzz3Icn5jFVO>> Acesso 02/02/16

Encrespa Geral - Projeto Consciência Crespa

<<http://www.cabeleiracrespa.com/2013/12/encrespa-geral-projeto-consciencia.html>>

Acesso 06/01/16

Geledés <http://www.geledes.org.br/ativismo-de-cabelo/#ixzz45R2vf1a> al acesso em 05/04/16

Maraisa Fidelis < <https://www.youtube.com/user/blzinterior>> Acesso 10/01/16

Marianna Villanova < <https://www.youtube.com/user/MarianaVillanova>> Acesso 10/01/16

Mari Morena < <https://www.youtube.com/user/veganmarii> > Acesso 10/10/14

Por Mais Turbantes Nas Ruas <

<https://www.facebook.com/pormaisturbantesnasruas?fref=ts>>

Acesso 01/02/16

URBI - Crespas e Cacheadas < <https://www.facebook.com/urbicrespasecacheadas/info>>

Acesso 04/01/16